

RECENSÕES

MARTA MACEDO, PROJETAR E CONSTRUIR A NAÇÃO.

ENGENHEIROS, CIÊNCIA E TERRITÓRIO EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX.

LISBOA: ICS, 2012.

O livro em referência, resultante de um doutoramento em Arquitetura, especialidade de Teoria e História, é uma grata surpresa pela temática e pelo cruzamento interdisciplinar que apresenta nas suas diversas abordagens. Constitui, na verdade, um novo contributo referencial para a história recente dos engenheiros e das suas realizações, prolongando os olhares da arquitetura pelos da história da ciência e das tecnologias, centrando-se sobre a emergência e a ação da tecnocracia, vinda da Escola do Exército e das Politécnicas, que teve no Ministério das Obras Públicas, criado em 1852, o centro nevrálgico de irradiação do seu poder-saber. Uma narrativa que, procurando captar através de um novo olhar historiográfico o território tecnológico que se atinge nos finais do século XIX, se desenrola sobre «as maquetes, os jornais, as locomotivas, as pontes, os inseticidas e os álbuns fotográficos», em torno da modernidade que se vislumbra na paisagem em contraste com retrato do «país pastoril» dos autores românticos, num quadro em que a tecnologia se assume como construtora de identidade nacional.

Numa primeira parte, Marta Macedo aborda a formação dos engenheiros militares na Escola do Exército, lugar de origem destes especialistas, ainda que com a obtenção prévia das cadeiras preparatórias na Politécnica, revelando-nos os passos graduais que ajudam a compreender a estruturação dessa Escola para o «serviço civil», analisando os seus métodos pedagógicos e as suas práticas, os seus equipamentos, não esquecendo a importante emigração científica de alguns para a Escola de Pontes e Calçadas, em Paris, de onde retornaram com conhecimentos acrescidos.

Segue-se um estudo, numa segunda parte, do Conselho de Obras Públicas, criado no

mesmo dia do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, 31 de agosto de 1852, seguindo o modelo administrativo francês, procurando encontrar as racionalidades científicas e administrativas, evocando a economia política smithiana e, sobretudo, os delineamentos ideológicos de Saint-Simon. Evocam-se os meios de sociabilidade aonde se discute a utilidade pública e, sobretudo, os meios de comunicações – estradas, caminho-de-ferro – como é o caso da Sociedade Promotora das Comunicações Internas do Reino e suas extensões de divulgação, como é a *Revista Universal Lisbonense*, a que se seguem as tentativas cabralistas, com a Companhia das Obras Públicas e outras. E, nos anos 50, a autora sublinha o papel de *O Ateneu*, órgão de discussão pública sobre os planos de obras a desenvolver. A discussão sobre os planos e regulamentos do MOPCI é um dos capítulos mais interessantes deste núcleo, rastreando as diferentes posições técnicas do Conselho.

A terceira e última arte, a mais substantiva pela descida ao terreno das obras construídas ou medidas aplicadas, transforma-se numa visita ao Douro de Oitocentos, equacionando as obras que resultaram da aplicação de um serviço público virado para a «indústria agrícola». Num primeiro cenário, Marta Macedo traz-nos a discussão e os detalhes técnicos dessa epopeia que foi a construção do caminho-de-ferro do Douro, no emaranhado técnico de um desenho complexo de pontes e túneis que conduziu o comboio ao país vinhateiro e, na sequência, à ligação com a via-férrea espanhola. Ligação tanto mais importante quando surge em paralelo com a irrupção do filoxera, a epidemia vinhateira, que obrigou a um importante esforço de controlo químico das vinhas, com

estações experimentais, sendo o comboio um elemento determinante na condução do enxofre e de outros produtos. Num amplo capítulo, Marta Macedo revela-nos algumas das facetas tecnológicas subjacentes ao debate apaixonado então suscitado e ao amplo jogos de interesses em torno do vinho do Porto, perante uma região que se esvaía da população tradicional, mas se organizava de outra forma, através de quintas com «cultura de projeto», apoiada na agricultura científica. Esta terceira parte, fecha com um excelente e adequado capítulo sobre «a fotografia e a invenção da paisagem», pois em poucos lugares do País, a fotografia terá sido tão elucidativa e oportuna sobre a transformação demiúrgica da paisagem pela intervenção da engenharia, dando o merecido destaque a Emílio Biel, incluindo a edição um núcleo de imagens expressivas. São esses álbuns de fotografia que, nos finais de Oitocentos, permitem a Portugal dar uma outra imagem de si próprio, especialmente nas exposições internacionais em que concorre.

Apoiando-se na valorização das transformações do território, Marta Macedo oferece-nos uma outra imagem do Portugal oitocentista, mostrando preocupações de modernização e desenvolvimento que ajudam a diminuir as imagens habituais do atraso económico e técnico que esses próprios engenheiros utilizavam na sua argumentação a favor das obras públicas que consubstanciaram o designado «fontismo». Com uma linguagem cuidada e um discurso rigoroso, este livro, para além de se constituir como um elemento de referência de entre as obras historiográficas mais recentes de engenharia, ciência e tecnologia, configura-se também como um texto acessível ao grande público, ajudando a divulgar uma componente fundamental da nossa história contemporânea.

NOTA: Este artigo foi escrito segundo o novo acordo ortográfico.

JORGE FERNANDES ALVES
(FLUP/CITCEM)